

A formação sensível dos docentes por meio da formação estética dos coordenadores pedagógicos

Sensitive teacher education through aesthetic pedagogical coordinator education

Andrey Felipe Cé Soares

Mestre em Educação pela Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI (2011). Graduado em Pedagogia (2001) e em Supervisão Escolar (2003) pela Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI. Supervisor escolar e gestor na Prefeitura Municipal de Itajaí. Assessor pedagógico, professor em cursos de pós-graduação. afcs_2009@hotmail.com.

RESUMO

Este artigo propõe reflexões frente à formação sensível dos docentes por meio da formação estética dos coordenadores pedagógicos. Convida a pensar sobre a possibilidade de se ofertar uma escola reformulada, mais humanizada e perceptível ao seu entorno. Pensar em sensibilidade leva a refletir sobre as práticas educativas fomentadas pelos docentes no cotidiano da escola e na possibilidade de renovar-se ou até inovar o fazer pedagógico. Ao mesmo tempo, abre um caminho para estratégias de ensino que considerem a vida humana e a necessidade de se humanizar. A união do sensível com o inteligível proporciona uma estesia, em que a racionalidade aliada à humanização promove um olhar repensado, estético e desencadeador de novas vivências e possibilidades em sala de aula. A formação docente pautada nesse prisma pode ser uma forma relevante de se fomentar mudanças metodológicas no contexto educacional contemporâneo.

Palavras-chave: Coordenação pedagógica. Formação de professores. Formação do sensível. Humanização.

ABSTRACT

This article proposes some reflections facing sensitive teacher training through aesthetics pedagogical coordinator training. It is an invitation to think about the possibility of offering a reshaped school, more humanized and perceptible to its surroundings. Thinking of sensitivity, leads us to reflect upon the educational practices promoted by teachers in the school's everyday life, and the possibility of renewing itself or even innovate the pedagogical approach. At the same time, it paves the way for teaching strategies that consider the human life and the need to be humanized. By combining the sensitive with the intelligible provides aesthesis, in which the rationality linked to humanization promotes a reviewed focus as well as aesthetic that triggers new experiences and possibilities in the classroom. Teacher training based on this perspective can be a useful way to promote methodological changes in the contemporary educational context.

Key words: Pedagogical coordination. Teacher training. Sensitive training. Humanization.

INTRODUÇÃO

Historicamente, a existência e as atribuições do coordenador pedagógico se desenvolveram até se chegar à ideia de que se pode solicitar a este profissional que prepare e coordene os momentos de formação docente com o intuito de colaborar efetivamente no dia a dia do professor, numa participação reflexiva, de ação-reflexão-ação para um bom funcionamento das relações no contexto escolar.

Há de se compreender que o cotidiano da escola deve ser organizado em função da aprendizagem e do sucesso escolar dos discentes, em decorrência de diferentes estratégias metodológicas planejadas e executadas em consonância com os pressupostos filosóficos e metodológicos definidos coletivamente no Projeto Político Pedagógico, cuja elaboração pode ser sistematizada pelo coordenador pedagógico nos momentos de formação dos professores.

No olhar de Lüdke, [...] a formação de professores “deveria ser uma autêntica *Bildung* [(construção e reconstrução)], formação em sua integridade”, superando uma habilitação apenas técnica, centrada no domínio de informações específicas e didáticas. (LÜDKE, 2004, p. 181-192)

Acredita-se que, vivenciando em nossas escolas momentos que fomentem a formação/educação estética, estar-se-á possibilitando a toda comunidade escolar o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos diretamente ligados ao fazer artístico, ao ato de apreciar, de observar os detalhes e reconhecer no mundo o que antes passava despercebido. Vê-se, portanto, a estética como um saber sensível, como um meio de humanização dos seres humanos.

Ao investir-se na formação estética dos professores e do próprio coordenador, acredita-se que todos percebam a relevância de se fomentar ações pedagógicas no contexto escolar, que cultivem a sensibilidade por meios das diferentes formas de manifestação artística e cultural, valorizando em especial o processo de humanização dos discentes. Conforme afirma Soares,

O desencadeamento de uma reação estética a partir da formação docente pode ser um caminho para que em nossas escolas haja a possibilidade de uma educação estética, acreditamos que ao investirmos na possibilidade de propiciar às professoras vivências significativas que promovam o desenvolvimento de

conhecimentos e habilidades relacionadas à arte a aos saberes sensíveis, como consequência, poderemos ter práticas pedagógicas mais sensíveis e criativas e que favoreçam a experiência sensível aos educandos. (SOARES, 2008, p. 40).

Sendo assim, este artigo revela que investir na formação sensível dos coordenadores pedagógicos e, conseqüentemente dos professores, torna-se necessário em prol da dinamização do processo formador, visando possibilitar o desenvolvimento de um olhar sensível e humanizado.

A Coordenação Pedagógica e a Formação Sensível do Docente

*Conhecer não é a única maneira de glorificar a vida,
como desejaria Sócrates. É preciso “vivê-la”.
É em todas as “vivências” que o homem irá encontrar
quão digno é viver a vida, porque só o vivido tem suportado o tempo.
Mário Ferreira dos Santos (2011, p. 30).*

Mário Ferreira dos Santos, ao redigir o prefácio de *Vontade de Potência de Nietzsche*, apresenta as “vivências” como importantes caminhos para se viver a vida, pois, por meio delas, pode-se ser mais humanizado, com um olhar observador, com sensibilidade e capacidade de perceber o quão digno é viver.

Pensar em sensibilidade nos convida a refletir sobre as práticas educativas fomentadas pelos docentes no cotidiano da escola, na possibilidade de renovar-se ou até inovar o fazer pedagógico, abrindo caminho para aulas que considerem a vida humana e a necessidade de se humanizar. A educação estética, nesse intuito, não pretende substituir estratégias de ensino, mas aprimorá-las a partir da mudança no perfil dos professores que passam a conceituar o aluno dentro de uma perspectiva mais humanística, de um ser capaz de aprender e apreender.

Trata-se de outro olhar, um olhar marcado por profundo respeito, pelo cuidado, pela crença sincera na sua capacidade de aprender, de se superar, de se transcender, de melhorar. Isto exige prestar atenção no aluno, levá-lo a sério. O professor olha para o aluno não como alguém que um dia será uma pessoa, mas para quem já é uma pessoa. Não para alguém que um dia será um cidadão, Mas para quem já é um cidadão. Não olha com desconfiança, mas pautado na convicção de que todos podem aprender e, mais do que isto, têm direito de aprender! (VASCONCELLOS, 2009, p. 201).

Afinal, cidadania aprende-se na escola e esta precisa desvincular-se de ações pedagógicas que não estejam pautadas na democracia e na participação. Nessa premissa, a educação estética pode contribuir com todos os sujeitos da aprendizagem, visto que, se o coordenador pedagógico tiver seu saber lógico interligado com o saber sensível, provavelmente possibilitará ao professor vivências estéticas que podem desencadear no desenvolvimento da sensibilidade e da percepção humana. Ou seja, se o Coordenador Pedagógico participar de educação estética, tudo indica que, no seu contexto escolar, ofertará aos docentes momentos de contato com a arte, diferentes culturas, dentre outras vivências que contribuirão para a ampliação do seu repertório cultural e, conseqüentemente, dos sentidos. Ainda, segundo Vasconcellos,

[...] o grande papel da escola é a educação (= humanização) através do ensino, tomamos como critérios para a definição da escola que faz diferença, três aspectos intrinsecamente relacionados: a efetiva aprendizagem, o desenvolvimento humano pleno e a alegria crítica (*docta gaudium*) do conjunto dos alunos. (VASCONCELLOS, 2009, p. 201).

Duarte Jr. (2001), Arroyo (2008) e Vasconcellos (2009) instigam a pensar em uma escola que vai além do seu papel de possibilitar a aquisição do conhecimento, fomentando um ambiente em que esse conhecimento seja considerado e interligado a elementos culturais e artísticos que desencadeiem uma educação estética que valorize o ser humano, sua convivência em sociedade e sua sensibilidade.

Cabe à escola, portanto, antes de fomentar discussões frente ao cotidiano escolar, refinar e desenvolver os sentidos inerentes ao ser humano, que tem sofrido triste influência da vida corrida atual; na ideia de que “[...] o mundo, antes de ser tomado como matéria inteligível, surge a nós como objeto sensível”. (DUARTE JR., 2001, p. 13).

Portanto, parte-se da premissa de que o coordenador pedagógico, como fomentador do processo ensino-aprendizagem, para efetivar a melhoria nesse processo, assume corresponsabilidade frente à educação estética dos docentes, no intuito de repensar a escola e suas estratégias de ensino.

Inseridos no contexto social do século XXI, com todos os seus desafios instaurados pela globalização, pelo bombardeio de informações e imagens, pela constante mudança nas grades curriculares dos cursos de formação inicial, fica cada dia

mais emergente o investimento em formação de professores que aborde as temáticas necessárias para cada realidade escolar. Para Schlindwein,

[...] nossa sociedade vem sendo atravessada, cada vez mais, por um turbilhão de informações, imagens, sons, apelos, os quais, ao invés de mobilizarem o homem para a crítica e a argumentação, paralisam-no e o embruteçam. Tal movimento tem afetado, inevitavelmente, os professores, seja em suas formações cada vez mais aligeiradas, seja em ambientes de trabalho que se tornam cada vez mais estéreis e mecânicos. (SCHLINDWEIN, 2010, p. 34).

Nessa frenética postura de mudança constante para atender às demandas educacionais, o próprio Ministério da Educação tem atualizado resoluções, legislações, diretrizes e pareceres em conjunto com o CNE, a CEB e as Secretarias Municipais e Estaduais de Educação, investindo significativamente na formação continuada por meio do Pró-letramento, da Escola de gestores, do Gestar, dentre outros. Sob olhar de Placco e Silva,

A discussão sobre a formação docente é antiga e, ao mesmo tempo, atual: antiga, pois em toda nossa história da Educação tem sido questionada a maneira como são formados nossos professores; atual porque, nos últimos anos, a formação do professor tem apresentado como ponto nodal das reflexões sobre a qualidade do ensino, evasão e reprovação; atual, ainda, por seu significado de ampliação do universo cultural e científico daquele que ensina, dadas as necessidades e exigências culturais e tecnológicas da sociedade. (PLACCO; SILVA, 2009, p. 25).

Há, por conseguinte, uma latente preocupação pela formação docente, acreditando-se que, por meio dela, o processo ensino-aprendizagem será mobilizado a conquistar melhores índices de aprendizagem. Nesse contexto, cabe ao coordenador pedagógico organizar a formação dos professores em parceria com seus gestores, seja o diretor escolar, seja a própria secretaria municipal de educação. Essa formação precisa considerar aspectos que superem os saberes docentes provenientes da formação inicial, a fim de incluir-se a dimensão ética, cultural, política e artística no fazer educacional.

A formação docente para Goergen deve superar a instrumentalização do ensino e a reprodução cultural, pois há de reconhecer-se que os elementos imagem, cor, som e movimento são fortes meios para a transformação de conceitos tradicionais e para o desenvolvimento da percepção, da sensibilidade e da humanização. “As imagens, os sons,

as cores, os movimentos e ritmos abrem um novo cenário que ostenta profundas alterações de conceitos [...]” (GOERGEN, 2006, p. 123).

Para Goergen, a formação precisa possibilitar o desenvolvimento de novas competências docentes voltadas para o olhar ecológico, comunicativo, para a incerteza, para as verdades provisórias, para o erro como diagnóstico, dentre outras que destacam que a prática docente precisa estar mais perceptível às necessidades sociais.

O coordenador pedagógico, por organizar o trabalho pedagógico da escola em parceria com os docentes, é quem conhece e vivencia diariamente com os professores a necessidade de uma formação continuada repensada e que venha a atender à demanda do cotidiano educacional. Pautada na cultura, a escola está propícia a abrir-se a múltiplas linguagens estéticas por meio da formação docente, possibilitando reflexões frente aos valores éticos e estéticos da docência.

Para tanto, o conceito de formação voltado para o olhar epistêmico pode ser ampliado pelos professores e pelo coordenador pedagógico, na possibilidade de reconhecer que, além do saber científico, há a necessidade do aprimoramento dos saberes da vida, do social, do sensível e do humano para melhor aproveitamento do conhecimento adquirido na escola.

Nesse contexto, a arte pode ser trabalhada por meio de um programa que envolva a educação estética do professor. A partir do século XVII, tem-se pensado na estética como uma área não mais dedicada ao belo, mas à sensibilização do ser humano por meio da mobilização de suas percepções. Ao ampliar-se o conceito de estética, passa-se a pensá-la como um campo que pode provocar o ser humano a refinar seus sentidos e, por meio dele, expandir seu olhar sobre si, o outro e o próprio mundo. Quando o professor alarga sua forma de perceber o mundo, ele amplia as possibilidades de tornar a aprendizagem de seus alunos mais significativa e relevante. Segundo Schlindwein,

[...] a estética, incluída na formação de professores, pode ser considerada como conteúdo fundamental para o desenvolvimento da percepção, da atitude crítica e da atividade imaginária e criativa, elementos que consideramos primordiais ao professor, uma vez que ampliam sobremaneira sua margem de ação formativa diante da aprendizagem e desenvolvimento de seus alunos. (SCHLINDWEIN, 2010, p. 43).

Esse dado, com certeza, assume relevante papel na constituição deste artigo sobre a educação estética. Se, nos últimos anos, investiu-se nas relações humanas, interpessoais e de afetividade e esqueceu-se de que, por meio da estética, o ser humano passa a conhecer-se, fica mais sensível, mais observador e mais perceptível com o que no dia a dia passa despercebido, é sinal de que os professores necessitam discutir mais sobre a temática arte para compreender suas características e possibilidades. Há de se entender que a educação estética permeia todas as temáticas elencadas e priorizadas pelos coordenadores nas formações. Por meio de vivências individuais ou de grupo que possibilitem o contato com a arte, seja por observação, apreciação, experimentação ou simples envolvimento, acontece a sensibilização do ser humano, oportunizando um aprendizado cultural que interferirá na sua forma de perceber o contexto em que vive. Nas palavras de Soares,

É neste contexto que penso na necessidade de uma educação que valorize o desenvolvimento pleno do ser humano, que vá além do desenvolvimento de competências e habilidades que privilegiem apenas a lógica. Ao refletir sobre a educação, considero fundamental abordar questões que digam respeito também às capacidades de percepção e sensibilidade, imprescindíveis na capacitação para ler e sentir a realidade. Esta educação é o que se chama Educação Estética. (SOARES, 2008, p. 33).

Em contato com a arte, por meio da educação estética, o coordenador pedagógico torna-se mais sensível ao seu entorno, aos detalhes; torna-se mais perceptível às demandas educacionais e, principalmente, aos fatores que influenciam o processo ensino-aprendizagem, e merecem ser foco de atenção e atuação desse profissional responsável pela organização do trabalho pedagógico.

Este é fruto de um currículo que também necessita estar apoiado, segundo a Resolução N° 7, de 14 de dezembro de 2010, que fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de Nove anos, em três princípios que possuem o papel de norteadores das políticas educativas e das ações pedagógicas:

Art. 6° Os sistemas de ensino e as escolas adotarão, como norteadores das políticas educativas e das ações pedagógicas, os seguintes princípios:
I – **Éticos:** de justiça, solidariedade, liberdade e autonomia; de respeito à dignidade da pessoa humana e de compromisso com a promoção do bem de

todos, contribuindo para combater e eliminar quaisquer manifestações de preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

II – **Políticos:** de reconhecimento dos direitos e deveres de cidadania, de respeito ao bem comum e à preservação do regime democrático e dos recursos ambientais; da busca da equidade no acesso à educação, à saúde, ao trabalho, aos bens culturais e outros benefícios; da exigência de diversidade de tratamento para assegurar a igualdade de direitos entre os alunos que apresentam diferentes necessidades; da redução da pobreza e das desigualdades sociais e regionais.

III – **Estéticos:** do cultivo da sensibilidade juntamente com o da racionalidade; do enriquecimento das formas de expressão e do exercício da criatividade; da valorização das diferentes manifestações culturais, especialmente a da cultura brasileira; da construção de identidades plurais e solidárias. (BRASIL, 2010, Art. 6º).

É importante, também, ressaltar que a LDB, recentemente atualizada pela lei nº 12.287, altera o segundo parágrafo do artigo 26 que estabelece normas sobre a formação cultural na escola. “O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. (BRASIL, 2010, art. 26º).

Como constatado, há de se contemplar nos currículos organizados e implantados pelos sistemas de ensino em todo território nacional os princípios éticos, políticos e estéticos, ou seja, abre-se a possibilidade de uma educação estética tanto dos docentes como dos discentes. Estética por se tratar da prática educativa pautada na fomentação da sensibilidade associada à racionalidade, pelo desenvolvimento da criatividade, pelo respeito às diversas formas de manifestação de diferentes culturas sociais, bem como pela constituição de um ser social ecológico - consciente de que suas ações ocasionem reações no meio ambiente no qual está inserido. Para Duarte Jr.,

Aprender a entender e a preservar o ambiente, começando pelo seu entorno mais imediato, passa a ser, pois, tarefa de uma educação do sensível, quando não pela necessidade da beleza que, mesmo inerente ao ser humano, precisa ser desertada e cultivada. (DUARTE JR., 2001, p. 188).

Por meio da educação estética desenvolvem-se várias formas de o coordenador lidar com esse conhecimento sensível, seja por meio da música, da literatura, do teatro, da dança ou do cinema. Mediante linguagens visuais, cênicas, musicais, o professor educa-se, humaniza-se, sensibiliza-se e passa a ver o aluno de outro jeito, e, como consequência, começa a fazer uso de diferentes estratégias de ensino, oportunizando a

Revista Intersaberes | vol. 8, n. 15, p. 23-34 | jan. – jun. 2013 | ISSN 1809- 7286

todos uma aprendizagem diretamente interligada com o contexto social e educacional do aluno.

A educação estética é parte integrante e fundamental no processo de humanização e está alicerçada na dimensão cultural; os coordenadores pedagógicos constituem-se sujeitos ativos no processo educacional por meio das relações sociais estabelecidas dentro e fora da escola, deixando de ser especialistas que olham o processo da aprendizagem de forma fragmentada para passarem a perceber a educação em um todo.

Não só como sujeito em transformação que necessita participar de uma educação estética, o coordenador pedagógico também é um agente que possibilita meios para a autotransformação docente rumo ao desenvolvimento do sensível; visto sua liderança, mediação e constante fomentação de momentos de estudo e formação continuada informal, individual e coletiva no ambiente escolar.

Pela educação estética, a coordenação pedagógica pode promover reflexões com os docentes na possibilidade de o professor reconhecer que ele ensina pela estética do comportamento, pelos gestos, pelos movimentos do corpo; tratadas por Arroyo (2008, p. 133) como “uma arte pedagógica que se revela densa, tenra e trágica ao mesmo tempo. Que revela o professor como um ser humano forte, emotivo, fraco e sensível”. Esta formação, fruto de vivências estéticas, pode possibilitar ao docente uma autorrevelação do mundo e de si próprio, mobilizando todos para a busca da qualidade de vida e da plena celebração da vida humana.

Há, de fato, a necessidade de uma formação e/ou educação estética, mas também estética do coordenador pedagógico e, conseqüentemente, dos docentes, no intuito de se possibilitar um processo ensino-aprendizagem que vá além do desenvolvimento da capacidade racionalizante, inteligível e pragmática frente à vida social. Uma educação estética que viabilize a humanização dos sujeitos educacionais, em especial, os alunos, influenciados pelas vivências estéticas dos docentes. Para Duarte Jr. (2001), a relação da realidade com a estesia atua como espaço propício para o desenvolvimento das percepções estéticas da vida.

Considerações Finais

Atualmente, é-se surpreendido por diversas reportagens sobre a realidade educacional nacional na mídia televisiva, expondo as fragilidades e obstáculos do fazer pedagógico cada vez mais complexo, trazendo à tona que o currículo escolar está recheado de superficialidades, burocratizações e complicações do fazer docente. Inserido nesse contexto, o coordenador pedagógico precisa fazer uso de sua sensibilidade entrelaçada com sua racionalidade rompendo o perfil metodológico contemporâneo de se possibilitar uma aprendizagem fragmentada, como se aluno só aprendesse por partes.

Parece, portanto, que raciocínio lógico e sensibilidade (ou percepção estética) nem sempre estiveram separados como agora ocorre, ao menos da maneira expressa nos discursos cientificistas e nos métodos para a obtenção do conhecimento segundo ensinados em nossas escolas e assumidos publicamente pelos doutores na matéria. (DUARTE JR., 2001, p. 168).

Discute-se a ideia de uma escola que possibilite ao aluno uma formação para a vida em sociedade, pautada na concepção de que o discente deva ser visto num todo, que compete a este desenvolver sua autocrítica, ou seja, conhecedor de causas e efeitos de suas ações no ambiente, ficando evidente que o inteligível deva caminhar lado a lado com o saber sensível. Ainda, segundo Duarte Jr.,

Nesse nível, por conseguinte, mesclam-se lógica e sensibilidade, razão e sentimento, conceito e estesia, num caldeirão de ideias, novas percepções, novos olhares sobre o mundo e a vida. (DUARTE JR., 2001, p. 169).

Portanto, a prática educativa que reproduz metodologias que considerem a formação de faculdades humanas isoladas, separando a sensibilidade do inteligível, provavelmente não atenderá as necessidades da sociedade contemporânea; uma vez que, no dia-a-dia, o cidadão precisa resolver seus problemas refletindo o todo da questão, enquanto que sua formação escolar lhe preparou de forma fragmentada e descontextualizada da humanização.

Sendo assim, a escola, por meio do Coordenador pedagógico e sua equipe de docentes, pode desenvolver estratégias que contextualizem as artes, as manifestações culturais, a diversidade étnica cultural. Acredita-se que, por meio de vivências estéticas, Revista Intersaberes | vol. 8, n. 15, p. 23-34 | jan. – jun. 2013 | ISSN 1809- 7286

presentes na formação docente, desencadeiem-se o aprimoramento da percepção e do olhar sensível à real necessidade da sociedade atual, reconhecendo a arte de ser e viver neste mundo. Segundo Arroyo (2008, p. 127), é necessário surpreender e estreitar os laços entre cultura, educação e docência e para tal “[] falta-nos deixarmos contaminar por outras formas de ver, sentir e ler a realidade”.

Em suma, há de investir-se na educação do sensível (estésica), no intuito de inserir gradualmente no contexto escolar a realização de vivências estéticas (artísticas) para que coordenadores pedagógicos, professores e alunos transformem o modo de ver e de sentir o meio social que os cerca.

As formações continuadas realizadas pelas escolas ou pelas Secretarias de Educação podem ser implementadas no intuito de tornarem-se caminhos de se possibilitar uma educação do sensível a todos os docentes, por meio da formação estética dos coordenadores pedagógicos e dos gestores escolares, pois o investimento na realização de vivências artísticas pode desencadear o repensar a aprendizagem dos alunos para que esta seja fruto do sensível entrelaçado pelo inteligível, e como consequência o desenvolvimento de cidadãos mais humanizados.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. Uma celebração da colheita. *In*: TEIXEIRA, I. A. C. e LOPES, J. S. M. **A escola vai ao cinema**. 2. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional N° 9394/96, de 2 de dezembro de 1996. Publicada no Diário Oficial da União, de 23 de dezembro de 1996.

_____. MEC/ CNE/ CEB - **Resolução N° 7** de 14 de dezembro de 2010 – Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 anos. 2010.

DUARTE JR., João Francisco. **O sentido dos sentidos**. 4. ed. Curitiba: Criar, 2001.

GOERGEN, P. Novas competências docentes para a educação: anotações para um currículo de formação de professores. *In*: BORBA, A. M. de; FERRI, C.; GESSER, V. **Currículo e avaliação: investigações e ações**. Itajaí, SC: Universidade do Vale do Itajaí, Maria do Cais, 2006.

LÜDKE, M. Investigando sobre o professor e a pesquisa. In: ROMANOWSKI, J.P.; Martins, P. L. O.; Junqueira, S.R.A. (Org.). **Conhecimento local e conhecimento universal: pesquisa, didática e ação docente**. Curitiba: Champagnat, 2004. pp. 181-192.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza; SILVA, Sylvia Helena Souza da. A formação do professor: reflexões, desafios, perspectivas. In: PLACCO, V. M. N. S.; ALMEIDA, L. R.; CHRISTOV, L. H. S. (Orgs.). **O Coordenador pedagógico e a formação Docente**. São Paulo: Loyola, 2009.

SANTOS, Mário Ferreira dos. In: NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Vontade de potência**. Tradução, prefácio e notas de Mário Ferreira dos Santos. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. – (Coleção Textos Filosóficos)

SCHLINDWEIN, Luciane Maria. Arte e o desenvolvimento estético na escola. In: PINO, A.; SCHLINDWEIN, L. M.; NEITZEL, A. de A. **Cultura, escola e educação criadora: formação estética do ser humano**. Curitiba: CRV, 2010.

SOARES, Maria Luiza Passos. **Educação estética** – investigando possibilidades a partir de um grupo de professoras. Dissertação (Mestrado em Educação) – Curso de Pós-Graduação stricto Sensu, Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2008. Disponível em: <http://www6.univali.br/tede/tde_arquivos/1/TDE-2008-11-14T074656Z-412/Publico/Maria%20Luiza%20Passos%20Soares.pdf>. Acesso em: 21 de maio de 2010.

VASCONCELLOS, Celso S. **Coordenação do trabalho pedagógico: do projeto político pedagógico ao cotidiano da sala de aula**. São Paulo: Libertad, 2009.